

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0487-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.873221609>

1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Apresentamos a obra “Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo”, que adota uma abordagem dialética da teologia e sua articulação com a experiência religiosa, vista e discutida sob o ponto de vista de teóricos de diferentes contextos. Atualmente, a relação entre fé cristã e ciência tem sido moldada em termos de conteúdo e, sobretudo, de atitude. Esta obra encontra-se organizada em 6 capítulos teóricos, cujos objetivos direcionam para profundas reflexões no campo das Ciências Humanas, de forma específica para Teologia e Ciências da Religião. O primeiro texto objetiva, apresentar a convergência entre a perspectiva prático e simbólica das orações-jaculatórias e a realização prática e sugestiva dos automotivadores e, por outro lado, demonstrar o nascimento, o crescimento e a disseminação de um movimento interior e espiritual que atento às demandas da geração digital transpõe os limites da religião e das espiritualidades convencionais. O segundo texto, apresentar reflexões sobre esse cenário em tempos de pandemia e de Papa Francisco. O terceiro texto, busca desabrochar e fomentar reflexões críticas a partir de contrapontos autorais com ênfase nas narrativas, na linguagem, no diálogo e na verdade. O quarto texto, elaborado em metodologia de pesquisa bibliográfica está nos liames da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. O quinto texto, levantar o debate e estender os estudos carnavalescos abordando a forma como os desfiles das escolas de samba são entendidos pela atual sociedade brasileira. O sexto texto aborda as diversas dimensões do deserto nas Sagradas Escrituras. A discussão aqui apresentada introduz a fenomenologia no âmbito do pensamento contemporâneo e suas conexões com a experiência religiosa numa perspectiva interdisciplinar.







Desejamos a todos boa sorte na leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MÍSTICA DA AUTOSSUGESTÃO: UMA NOVA VERSÃO DA ORAÇÃO JACULATÓRIA José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216091	
CAPÍTULO 2	9
AS MULHERES E A CIBERTEOLOGIA NA PASTORAL EM TEMPOS DE PAPA FRANCISCO Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216092	
CAPÍTULO 3	20
O PARADOXO JESUS NA COMUNICAÇÃO E NA LITERATURA Boanerges Balbino Lopes Filho  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216093	
CAPÍTULO 4	33
ELEMENTOS ESCRITURÍSTICOS E ARTICULAÇÕES TEOLÓGICAS ACERCA DA PREEXISTÊNCIA DE CRISTO Francisco Regimarcio Cardoso de Lima  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216094	
CAPÍTULO 5	46
CONSIDERAÇÕES PERANTE A ASSOCIAÇÃO DO CARNAVAL COMO FESTA DO PECADO Tiago Herculano da Silva  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216095	
CAPÍTULO 6	66
O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: UMA ABORDAGEM LITERAL-TEOLÓGICA Diego J.L. Carleti  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216096	
SOBRE OS ORGANIZADORES	75
ÍNDICE REMISSIVO	77

O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: UMA ABORDAGEM LITERAL-TEOLÓGICA

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 25/08/2022

Diego J.L. Carleti

Licenciado em História pela Unifeob e bacharelado em Teologia pela Uninter, Santo Antonio do Jardim
<http://lattes.cnpq.br/8446130805863792>

RESUMO: O termo deserto é muito recorrente nas Sagradas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Entretanto, seu sentido varia conforme o contexto narrado. O presente artigo pretende através de uma revisão bibliográfica, abordar as diversas dimensões do deserto nas Sagradas Escrituras, partindo da literal, de local árido e inabitado; passando pelo sentido de local propício e místico para o relacionamento com Deus; e por fim *locus* teológico, especificamente no Novo Testamento, no qual é feita uma leitura tipológica, no evangelho de Mateus, entre o livro do Êxodo e a preparação da vida pública de Jesus em suas três tentações.

PALAVRAS-CHAVE: Deserto; Sagradas Escrituras; Interpretação; Tipologia; Jesus.

THE DESERT ON THE SACRED SCRIPTURES: A LITERAL-THEOLOGICAL APPROACH

ABSTRACT: The term desert is widely used in the Sacred Scripture, both in the Old and New Testament. However, its meaning ranges in conformity with the narrative context. This

paper aims, by the means of literature review, to approach the several dimensions of the word on the Sacred Scriptures, departing from literal meaning, of an arid and inhabited location; going through mystical and propitious for relationship with Good meaning; and finally theological *locus*, specifically on the New Testament, in which a typological reading is mad on the Mathew gospel, between the Exodus narrative and preparation of Jesus' public life in their three temptations.

KEYWORDS: Desert; Sacred Scriptures; Approach; Typology; Jesus.

1 | INTRODUÇÃO

Muito se fala em pregações católicas, tanto em homilias quanto em reflexões leigas, sobre o *deserto*. Utilizam a palavra em diversos sentidos tornando o termo elástico e pouco específico. Se encaixa tanto em uma descrição em linguagem metafórica de uma 'secura espiritual', quando se quer se expressar um período em que o Espírito Santo não 'nos fala ao coração' – expressão muito utilizada em âmbitos mais espirituais – quanto também como local de encontro privilegiado com Deus, como nos afirma Silvio Baez em seu artigo *El desierto en el nuevo testamento*. Como duas interpretações, aparentemente tão contraditórias, podem coexistir em um mesmo termo?

Por outro lado, quando Jesus inicia sua vida pública, é impulsionado pelo Espírito Santo ao deserto. Porque especificamente o deserto?

O presente artigo tem a intenção de

responder a esta questão. Para isso, iremos traçar um itinerário em busca de uma definição do termo em relação aos seus diversos usos. Nossos objetivos são analisar a concentração das ocorrências tanto no Antigo como Novo Testamentos; aprofundar as interpretações de seu sentido literal – como local geográfico – e como esse local geográfico influenciou na Tradição Judaica; e em seguida passando para os efeitos que este local teve culturalmente no Povo Eleito, abordaremos o sentido espiritual do deserto para chegarmos ao contexto neotestamentário: o papel do deserto na vida de Jesus Cristo, o próprio Deus encarnado.

Recorreremos a revisão bibliográfica delimitando o material pelo *tema*. Foi buscado principalmente no *Google Scholar* utilizando-se de palavras chaves bem específicas em português, espanhol, inglês, francês e italiano: *Sagradas Escrituras, deserto, Jesus, leitura tipológica do Êxodo, porque Jesus foi ao deserto no início de sua vida pública*. Muitos artigos foram baixados e lidos e alguns foram descartados por não se adequarem ao tema específico da pesquisa.

Creemos que atribuir o sentido contextual para o termo deserto dentro de seus diversos usos pode ser de grande auxílio na academia para ajudar a elucidar teologicamente as várias interpretações as vezes controversas atribuídas ao mesmo.

21 O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: ABORDAGEM LITERAL E TEOLÓGICA

A figura do deserto está abundantemente presente nas Sagradas Escrituras. Seus primeiros registros já se iniciam no livro do Gênesis. Ele perpassa os escritos do Pentateuco, se entrelaça com os ensinamentos Sapienciais, conferindo-os profundidade, chegando até o Novo Testamento em que terá primordial importância no ministério de Cristo.

O termo [...] se distingue claramente de *polis*, da cidade, em Jo 11,54. É utilizado com função adjetival, com o sentido de “desolado, desabitado”, para qualificar pessoas (Gal 4, 27: uma mulher abandonada) ou determinados espaços (Mt 23,38: uma casa abandonada; At 1,20: um prédio desabitado; At8,26: um caminho deserto). Com esta mesma função aparece 9 ocasiões qualificando a *tópos*, formando o sintagma *éremos tópos*, “lugar deserto ou solitário”. (BAEZ, 2004: p. 302, tradução nossa)

No livro do Êxodo, o deserto ocupa *locus* central porque é o cenário onde acontece toda a narrativa. Lá o Povo Eleito será provado física e espiritualmente, sendo submetido a todas as intempéries deste local. Mas principalmente será testado em sua *obediência* aos planos de Deus.

No Levítico, é narrada toda a liturgia do povo judeu que é constituída oficialmente *no deserto* e por isso adquire características de passagem por este ambiente. Uma Tenda é constituída e transportada pelo terreno árido ao longo de toda a peregrinação do Povo Eleito e nela os sacrifícios rituais são oferecidos. E ainda mais, era esta mesma Tenda que ditaria o ritmo da marcha e a vida cotidiana dos israelitas: “Quando a nuvem se elevava sobre a Tenda, então os israelitas se punham em marcha; no lugar onde a Nuvem parava

aí acampavam os israelitas”. (BÍBLIA, Números, 9,17).

Já no Novo Testamento, em especial nos relatos Evangélicos, com uma frequência muito grande Jesus se retirava dos lugares agitados para algo muito específico: a comunhão íntima com Deus Pai: “De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava” (BÍBLIA, Marcos, 1, 35). Isso evidencia claramente que os locais desérticos eram preferidos por Jesus para se manter em comunhão com o Pai.

A região desértica é uma pequena área que compõe uma totalidade do cenário das narrativas da vida de Jesus. A diversidade geográfica da Terra Santa é ampla se relacionada à sua extensão. Há desde áreas litorâneas, montanhosas e até florestas. Nas palavras de Daniel Rops: “Um passeio de uma hora nos leva de uma das planícies mais férteis às montanhas desnudas onde pastam ovelhas: e as caravanas, castigadas pelo vento quente do deserto”. (ROPS, 1986: p. 13)

E é em oposição às áreas férteis, “verdadeiras savanas”¹ na região da galileia, que remetem à vida, à agitação e o convívio humano — onde as plantações de vinha, trigo e oliveira se espalham abundantemente — que se apresenta as regiões secas, áridas desabitadas e particularmente silenciosas do deserto.

É este caráter de isolamento que Baez denomina uma terra “separada radicalmente del mundo vital destinado a los hombres”². Não há movimento, não há dinâmica, há pouca vida de algumas vegetações e poucos animais que se adaptaram a este clima rigoroso.

2.1 Termo deserto: Definição e recorrências nas sagradas escrituras

O termo mais empregado pelos tradutores da Septuaginta para traduzir *midbar* – deserto em hebraico – foi *ἡρημος*. Das 345 ocorrências ao longo das Escrituras da Antiga Aliança, ele aparece 241 vezes:

Éremos se dá 32 vezes para derivados da raiz hebraica *haleb*, estar seco, ressecado, 25 vezes como tradução de *samém*, desértico *yermo*, horroroso e seus derivados, e 10 vezes como equivalente do hebraico *negeb*, terra seca. *Éremos* se encontra 120 vezes no pentateuco, posto que desde Ex até Dt (109 exemplos) se refere a peregrinação de Israel pelo deserto. Também nos Salmos (21 vezes), como em Is (45 vezes), Jer (28 vezes) e Ez (38 vezes), o conceito *eremos* desempenha um papel importante. (COHENEN; BIETENHARDT, 1990: p. 27 tradução nossa)

“*Ἠρημος*” na cultura extra bíblica, mais especificamente a dos greco-romanos, não designava estritamente extensos locais de clima seco e sem vida, sem água, mas também, nas palavras de Baez: “páramo pouco habitado, uma campina o um poblado abandonados”³.

O mais notável é que, ao chegarmos no Novo Testamento, a palavra aparece somente 46 vezes ao longo dos 27 livros; sendo que trinta e sete delas registradas nos Evangelhos sinóticos (COHENEN; BIETENHARDT, 1990: p. 28).

1 ROPS, Daniel. A Vida Diária nos Tempos de Jesus. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 13.

2 BAEZ, S. El desierto en el nuevo testamento, 2004.

3 “Local pouco habitado, uma campina ou uma aldeia abandonados”. (Tradução Nossa)

Há portanto, uma concentração de mais da metade das ocorrências do termo exatamente nos relatos da vida de Jesus Cristo no contexto neotestamentário. E isso se deve por uma relação direta entre o ministério de Jesus e o livro do Êxodo, a qual incorpora o sentido da vivência do Povo Eleito no deserto da Antiga Aliança para dar novo sentido à Revelação Divina.

2.2 Sentido espiritual do deserto

Devemos evidenciar que a figura do deserto sempre teve um traço místico na Tradição Judaica. Muitos matizes constituíram o pensamento religioso do povo judeu em relação à este local. No livro do Levítico, por exemplo, há um trecho muito curioso que narra a proibição de oferendas aos “demônios do deserto”: “Não mais oferecerão seus sacrifícios aos sátiros, com os quais se prostituem” (BIBLIA, Lv 17, 7).

Em Lv 16, capítulo dedicado à detalhar o ritual *Yom Quipur*, cita-se um anjo que vive no deserto chamado *Azazel*. Uma criatura que tem a função de enumerar as faltas do Povo Eleito diante de Deus. Neste ritual dois bodes seriam apresentados diante de Aarão, sendo um deles sacrificado a Deus na Tenda da Reunião pelos pecados do Povo Eleito, enquanto o outro seria solto no deserto e morto por *Azazel*:

Aarão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode e confessará sobre ele todas as faltas dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados. E depois de tê-los assim posto sobre a cabeça do bode *enviá-lo-á ao deserto*⁴, conduzido por um homem preparado para isso, ²e o bode levará sobre si todas as faltas deles para uma região desolada. (BIBLIA, Lv 16, 21-22)

Por outro lado, o deserto também é local privilegiado de encontros místicos entre o homem e Deus. Jacó, por exemplo, tem uma experiência bem específica de transformação neste local para se preparar e seguir com os planos de Deus dando continuidade à descendência do Povo Eleito:

E Jacó ficou só. E alguém lutou com ele até surgir a aurora. ²⁶Vendo que não o dominava, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. ²⁷Ele disse: “Deixa-me ir, pois já rompeu o dia.” Mas Jacó respondeu: “Eu não te deixarei se não me abençoares.” ²⁸Ele lhe perguntou: “Qual é o teu nome?” — “Jacó”, respondeu ele. ²⁹Ele retomou: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte” contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste.” ³⁰Jacó fez esta pergunta: “Revela-me teu nome, por favor.” Mas ele respondeu: “Por que perguntas pelo meu nome?” (BÍBLIA, Gn 32, 25-30)

Há de se notar que, nos relatos onde o deserto aparece com o sentido de local de encontro com Deus, ele é sempre um *meio*. Ou seja, ninguém vive no deserto. É uma espécie de local de passagem, de *transição*: um “*ὁδός*”. Um meio pelo qual Deus se utiliza para *outro fim*. E sendo assim, os autores bíblicos geralmente se utilizam de termos bem

⁴ Itálico nosso.

específicos para indicar esta *transição*, como a preposição “εκ”, que tem o sentido de movimento, de *sair* de um local (BAEZ, 2004: p. 306). Renato Silva concorda com este uso gramatical atribuído ao deserto afirmando: “[...] a expressão εἰς τὴν ἔρημον, modulada pelo acusativo grego, transmite a ideia de que Cristo passou pelo deserto sem permanecer ali. Enfatiza-se, assim, a transitoriedade da vivência desértica.” (SILVA, 2017: p. 14)

Essa característica é uma referência clara ao livro do Êxodo, que é *per se*, um registro judaico essencial. É dele que se retiraram as maiores simbologias da Tradição Judaica. Corresponde a uma espécie de *Ilíada* e *Odisseia* se comparada à literatura grega. Qual seja: é o relato fundante, fonte, referência no imaginário religioso para a descrição de outros textos. É no Êxodo que Deus manifesta de forma mais forte, evidente e profunda no AT, a sua intervenção em favor do povo que Ele escolheu e separou pra salvar a humanidade.

Isso dá ao deserto um caráter bem específico de local transitório e místico de encontro com Deus. Podemos compreendê-lo sobretudo nos próprios escritos do Antigo Testamento. Geralmente o deserto é utilizado como metáfora para separar uma pessoa, ou o próprio povo de Israel, e lhe “falar mais de perto ao coração”. Vemos um exemplo muito claro disso em Oseias 2, 16: “Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração.” O deserto é uma “experiência necessária para a fé. Nele, se exercita a fé de forma excepcional ao descobrir e experimentar que o único essencial e vivificante para a existência é viver uma relação de gratuidade e fidelidade amorosa com o Senhor” (BAEZ, 2004, p. 324 tradução nossa).

Gibson confirma esta visão argumentando que, tanto na Antiga quanto na Nova Aliança, o deserto é um local extremamente profícuo para a experiência com Deus. O SENHOR escolhe o deserto para um tipo de relacionamento específico com seus eleitos. (GIBSON, 1994: p. 15) Baez acrescenta que, a experiência do deserto vivida pelo Povo Eleito no Êxodo é de “purificação”, um “espaço e um tempo necessários para que sepultada a rebeldia e a infidelidade do povo, nasça uma nova geração digna das promessas de Deus” (BAEZ, 2004, p. 313-314). Um local:

Onde Israel se encontrou com seu Deus, [...] ali onde Deus “fala ao coração” (Os 2,16) e pode preparar seu profeta para a missão em um âmbito silencioso e exilado em que outras vozes não podem interferir. (BAEZ, 2004, p. 316)

Ou seja, a experiência transitória e mística do deserto é também preparatória. Qual seja, desenvolve na pessoa (ou povo) escolhido, na realidade de intimidade com Deus e isolamento das outras pessoas (ou outros povos), as características essenciais para se cumprir uma missão específica. Uma comprovação disso é o caso de João Batista. Ele cresce no deserto com roupas grosseiras em uma vida ascética, modelado pela dureza e o silêncio do deserto para assumir a missão de preparar o Povo Eleito para a mensagem do Reino de Deus.

Os evangelhos sinóticos são consensuais ao narrar esta relação essencial de

João Batista com o deserto no que tange sua missão. O seu amadurecimento espiritual é indissociável do ambiente de austeridade no qual viveu.

Assim como João Batista, também, o próprio Jesus, ápice da Revelação Divina. Ele é movido pelo Espírito Santo para o Deserto logo após ter sido batizado no rio Jordão por João Batista. Nas palavras de Baez, Jesus no evangelho de Marcos, é “literalmente empurrado (*ekbállo*) ao deserto pelo Espírito” (BAEZ, 2004, p. 318 tradução nossa) para la ter uma experiência com as tentações feitas pelo demônio (Mt 4, 3-11) enquanto foi servido pelos anjos (Mt 4,11).

Por outro lado, Jesus também vive no deserto como um tempo de provação. Ele é o Filho de Deus e deverá percorrer todo o itinerário proposto por Deus Pai para a Salvação da humanidade. Deverá revelar Deus ao homem, passar pela Cruz e Ressuscitar. Por isso, no deserto, viverá a “aceitação da própria identidade e missão [...], adesão pessoal e fidelidade a missão recebida por Deus”. No Evangelho de Lucas é ressaltado que Jesus vai ao deserto, experiencia a realidade da “tentação, diante da qual permanece firme”. (BAEZ, 2004, p. 320 tradução nossa).

2.3 Leitura tipológica do deserto

É no evangelho segundo São Mateus que é descrito com maior clareza o sentido mais profundo da ida de Jesus ao deserto. Esta narrativa toda é uma espécie de releitura da *Torah* sob a ótica cristológica. E a ida de Jesus ao deserto antes de sua vida pública é claramente descrita como equivalente da epopeia judaica do Êxodo. Denaux, em seu artigo *Jésus au désert*, descreve sistematicamente a ligação das Tentações sofridas por Jesus no deserto e as sofridas pelo Povo Eleito rumo à Terra Prometida.

Gibson concorda com Denaux nessa interpretação, mas extrai suas evidencias do relato de Marcos. Ele argumenta que o deserto ao qual Jesus foi levado pelo Espírito Santo não é *qualquer* deserto, mas exatamente aquele mesmo por onde o Povo Eleito chegou à Terra Prometida. Ele prossegue dando mais pontos de ligação entre os dois episódios fortalecendo esta interpretação:

Em segundo lugar de acordo com Marcos *πειρασμός* ocorre lá. E em terceiro lugar Marcos designa o local da experiência da tentação de Jesus como o Vale do Jordão inferior, a área na qual o pensamento contemporâneo relacionou com o cenário da segunda metade do livro do Êxodo e do livro do Levítico, Números e Deuteronômio. Portanto, quando Marcos diz que a experiência da tentação de Jesus *ἐν τῇ ἐρήμῳ*, Marcos fez mais do que simplesmente localizar a tentação de Jesus. Usou a geografia para servir a um interesse teológico, ele disse algo de muito concreto sobre a natureza da tentação [...] (GIBSON, 1994: p. 16 tradução nossa).

Nixon também viu estas mesmas conexões. E os três afirma consensualmente que a diferença entre Jesus e o Povo Eleito é que Nosso Senhor não cedeu a estas provações enquanto o Povo Eleito a todo instante murmurava e caia em desobediência. Apresentemos estas conexões feitas por ele numericamente: (1) O Povo Eleito estava insatisfeito com a

provisão do maná: Jesus foi tentado pela sua fome a transformar as pedras em pão e não o fez. (2) Em Massa, Deus foi tentado pelos israelitas sobre a dúvida de sua presença e poder: Jesus foi tentado a pular do pináculo do templo para pôr a prova Deus fazendo com que os anjos o segurassem, mas disse não. (3) E por fim, quando o Povo Eleito impaciente com a demora de Moises no Monte Sinai fundiu para si um bezerro de ouro: Jesus é tentado a se curvar e adorar a satanás, mas respondeu enfaticamente em Lucas, 4 12: “Não tentarás ao Senhor, teu Deus”. (NIXON, 1962, pp. 14-15).

Denaux ressalta que até mesmo as citações que Jesus utiliza, são extraídas do livro do Deuteronômio e por isso, corroboram com esta interpretação:

[...] Jesus cita três vezes a Escritura, respectivamente Deuteronômio 8,3; 6,16 e 6,13. Estas citações pertencem a um contexto mais amplo de Deuteronômio 6, 8, onde são descritas as tentações do povo de Israel no deserto. Jesus é colocado a prova de maneira semelhante, mas reage de outra maneira. Onde Israel, filhos de Deus, sucumbiram à tentação, Jesus se manifesta como verdadeiro filho de Deus em sua vitória sobre as tentações. (DENAUX, 2019: p. 42 tradução nossa)

Jesus não abandona os planos do Pai porque Ele é o cumprimento e a plenitude da Lei. Por isso foi “*Πνεῦμα αὐτὸν ἐκβάλλει εἰς τὴν ἔρημον*”⁵ (Mc 1,12). E nesta mesma lógica se segue que Jesus assume essencialmente e sinteticamente nas três Tentações do Deserto todo o conteúdo da Lei judaica.

A primeira tentação de Jesus, a de transformar as pedras em pães (Mt 4, 3-4; Lc 4, 3-4) é relacionada por Denaux com a fome que os Israelitas sofreram ao deixarem o Egito. Ao invés de confiarem filialmente no SENHOR, começam a murmurar contra Moisés: “Antes fôssemos mortos pela mão de lahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados junto à panela de carne e comíamos pão com fartura! Certamente nos trouxestes a este deserto para fazer toda esta multidão morrer de fome.” (BÍBLIA, Êxodo, 16-3).

Eles não tinham mais confiança no alimento da palavra e nas promessas divinas. [...] O fim dessa provação era de ver como Israel iria reagir a uma situação de privação e de escassez, e assim para ensinar que a vida não depende somente do alimento material, mas da fé e da confiança em Deus. Deus queria dar a Israel uma lição de dependência. (DENAUX, 2019: p. 44 tradução nossa)

Jesus responde à primeira tentação assertivamente seguindo esta linha: “Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (BÍBLIA, Mateus, 4:4).

Prosegue Denaux argumentando que, a segunda tentação⁶ (Mt 4, 5-7; Lc 4, 9-12) na qual o demônio sugestia a Jesus Se lançar do pináculo do Templo para pôr à prova

5 Impulsionado pelo Espírito ao deserto.

6 Há uma inversão de ordem na narrativa da segunda e da terceira tentações em Mateus e Lucas. Em Mateus segue-se (1) Transformação das pedras em pães; (2) A tentação de Jesus se atirar do pináculo do templo; e (3) Prostrar-se diante do demônio. Em Lucas (a) Transformação das Pedras em pães; (b) Prostrar-se diante do demônio; (c) A tentação de Jesus se atirar do pináculo do templo. Optamos por seguir a ordem de Mateus porque Denaux assim dispôs em seu artigo.

se Deus Pai realmente está com Ele, está relacionada à sede que Povo Eleito é submetido no deserto de Massa (Ex 17, 2-4). Nesta ocasião, demonstram mais uma vez sua falta de fé, testando a Deus em seus desígnios:

Nos dois casos pretende-se forçar Deus a intervir de maneira miraculosa, em outras palavras, pretende-se colocar Deus à prova, invertendo a relação Criador-criatura. Se Jesus tivesse se jogado, Deus teria lhe enviado seus anjos para o resgatar, mas neste fato, ele teria forçado Deus a realizar um milagre. Jesus recusa firmemente provar a autenticidade de sua missão [...] Ele resiste à prova e se lembra da lição de Deuteronômio 6,16. (DENAUX, 2019: p. 46 tradução nossa)

Na terceira tentação, a que o demônio oferece à Jesus o poder sobre todos os reinos da Terra em troca de lhe demonstrar reverência (Mt 4, 8-10; Lc 4, 5-8), Denaux relaciona ao episódio do livro do Deuteronômio, quando os Israelitas estão próximos de entrar na Terra Prometida. Nesta ocasião Deus irá submeter as sete nações cananeias à nação judaica, mas adverte-os que não cedam à adoração de seus deuses (Dt 6,10-14). Ao longo de todos o Antigo Testamento comprovamos sucessivamente que os judeus sucumbem a esta tentação, ora com deuses egípcios, ora com deuses cananeus, ora com deuses sírios. Mateus quer demonstrar que Jesus não segue pelo mesmo caminho, e não se prostra diante dos deuses deste mundo:

Se Jesus não rende nenhuma honra divina ao diabo, mesmo quando ele promete em troca todos os impérios e sua glória, então o cristão tampouco e contra nenhuma vantagem terrena não pode adorar Satanás [...] não se pode servir a Deus e a Mammon. (DENAUX, 2019: p. 49 tradução nossa)

Levando em consideração estas observações narrativas há um claro sentido teológico que une o Antigo ao Novo Testamento na vida de Jesus. Ele assume a carne humana na história e nestes relatos assume em sua natureza humano-divina as imperfeições do pecado do Povo Eleito para redimi-lo. Revive as tentações pelas quais os israelitas pereceram para incorporá-las na sua cruz.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos então que a palavra deserto possui – pelo menos – três diferentes níveis de interpretação dentro da literatura bíblica. O primeiro e mais imediato é o local de clima árido presente na geografia do Povo Eleito. Este local teve muita influência na formação tanto da religião quanto da cultura judaica por fazer parte de seu cotidiano e estar ligado à sua principal festa religiosa, a Páscoa, e à instituição do culto levítico, e por isso adquiriu também uma segunda dimensão: a espiritual.

Surgiu uma ideia de natureza mística do deserto, de *locus* privilegiado para se encontrar com Deus e por muitas ocasiões personagens bíblicos foram submetidos à experiências nele como é o caso de Jacó, quando lutou com o anjo; de João Batista que

se preparou para aplinar o caminho do messias pregando um batismo de renúncia dos pecados. Tudo isso para serem preparados para uma grande missão geralmente associada a algo maior: a própria História da Salvação.

Mas também há uma terceira dimensão do deserto nas Sagradas Escrituras e que está relacionada especificamente a missão de Jesus Cristo como messias esperado. Ele assume toda História da Salvação representada pela narrativa do Povo Eleito no livro do Êxodo para que, assumindo a carne humana, ele possa redimi-la. Por isso se submete as mesmas tentações do Povo Eleito, mas ao invés de perecer a elas, as supera. E essa é a principal missão de Cristo no deserto: ser obediente ao Pai, onde o gênero humano não o foi.

Não foi o objetivo desse artigo uma busca exaustiva de todos os sentidos possíveis do termo deserto nas Sagradas Escrituras. Isso demandaria um trabalho exegético muito mais aprofundado e apurado de crítica textual, literária, narrativa, dentre outros, o que não seria viável para um artigo científico por sua própria natureza. Por isso, selecionamos os três sentidos mais evidentes levando em conta um *crescendi* da profundidade teológica do termo de acordo com os autores citados.

REFERÊNCIAS

BAEZ, S. El desierto en el nuevo testamento. **Teresianum**, v. 55, n. 2, p. 301–324, 2004. Disponível em: <https://www.teresianum.net/wp-content/uploads/2016/05/Ter_55_2004-2_301-324.pdf> Acesso em: 13/01/2022.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 12a. ed. São Paulo SP: Paulus, 2017.

DENAUX, Adelbert. Jésus au desert. **Communio**, 2019/1, n. 261, pp. 39-50. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-communio-2019-1-page-39.html>> Acesso em 13/01/2022.

GIBSON, Jeffrey B. Jesus Wilderness Temptation According to Mark. **Journal for the Study of the New Testament** 53 vol. 16:3, pp. 3-34. Chicago, 1994. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0142064X9401605301>> Acesso: 13/01/2022.

NIXON, M.E. The Exodus in the New Testament. **The Tyndale New Testament Lecture**, 1962. Disponível em: <https://biblicalstudies.org.uk/pdf/tp/exodus_nixon.pdf> Acesso: 13/01/2022.

RICO, Enrique Sanz Giménez. Señor, condúceme por el Camino de la Salvación – El Desierto y el Antiguo Testamento. **Vida Nueva**, n. 23-30. Madrid, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.comillas.edu/rest/bitstreams/39852/retrieve>> Acesso: 13/01/2022.

ROPS, Daniel. **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1986.

SILVA, Renato Gonçalves da. **Γέγραμμαι (Está escrito): A utilização das Escrituras no relato das tentações de Jesus segundo Lucas 4, 1-13**. Dissertação (mestrando em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/20781/2/Renato%20Gon%c3%a7alves%20da%20Silva.pdf>> Acesso: 13/01/2022.

TRINITARIAN BIBLE SOCIETY. **Koiné Greek New Testament**. London, 1976.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO – Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - Portugal (PFCE/UC, 2014-2016). Pós-Doutor em Formação Docente, Identidade e Gênero pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra - Portugal (ESEC, 2017-2021). Doutor em Ensino (Educação Matemática e Tecnologia - pela UNIVATES, 2018/2022). Doutor em Ciências da Religião (Religião, Sociedade e Cultura/Movimentos Sociais - pela PUC-Goiás, 2010-2014). Doutorando em Educação (Estudos Culturais - pela ULBRA, 2020-). Possui Mestrado Profissional em Teologia - Educação Comunitária, Infância e Juventude (EST/UFRGS, 2008-2009) e Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação (UEP, 2007-2009). Graduado a nível de licenciatura em: Matemática (UEG), Pedagogia (ICSH/UFG), Filosofia (FBB) e Ciências Sociais (Faculdade Única) e, bacharelado em teologia (FATEBOV). Atualmente é Professor Titular C-II da Fundação Municipal Integrada de Ensino Superior (FIMES / UNIFIMES) desde 2014 (onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e pós-graduação) e Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás (SEDUC) desde 1999 na área de Matemática. Atua, ainda, como Docente Permanente nos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Fundação Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Linha 1 Currículo, Formação Docente e Diversidade (Cooperação técnica nº 1038/2019. Publicado no D. O. nº 10038 de 28/11/2019), Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Faculdade de Inhumas (PPGEDU-FACMAIS), Linha 1 Educação, Instituições e Políticas Educacionais (EIPE) e, do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (Colaboração Técnica, sem vínculo empregatício), na Linha 2 Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES-CNPq); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no interior do Amazonas (do IFAM). Associado na ANPED/Nacional. Associado na APEDUC - Associação Portuguesa de Educação em Ciências. Membro da Comissão Editorial da Revista Científica em Educação da FACMAIS (2020); Membro do Comitê Científico da Editora Atena (2019 -); Editor da Revista Científica Novas Configurações Diálogos Plurais (2020 -). Membro do Comitê Científico da área Ciências Humanas da editora Publishing. Avaliador do Guia da Faculdade (2020). Avaliador de Cursos e Instituições cadastrado no Conselho Estadual de Goiás - CEE/GO. Pesquisador cadastrado no ORCID e no ResearchGate. Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois grupos temáticos: I Processos Educativos: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II Estudos Culturais: Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, Religiosidade e Cultura.

ELISÂNGELA MAURA CATARINO – Pós-doutora em Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra - ESEC/PT (2017-2019) sob a orientação da Dra. Fátima Neves. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-GO (2005 - CAPES 5) na Linha de Pesquisa

Religião e Movimentos Sociais. Mestra em Teologia com especialização em Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS (2010 - Conceito 5 CAPES). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2007) e Docência do Ensino Superior pela FAMATEC (2012). Licenciada em Língua Portuguesa e inglesa e suas respectivas licenciaturas, pela Universidade Estadual de Goiás (2004) e Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas - ICSH (2003). É servidora pública da Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUCE (1999 - Professora P-IV) e da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (2015 - Professora Titular - CII), onde atua como professora na Pós-graduação e nos Cursos de Medicina Veterinária, Engenharia, Pedagogia, Educação Física e Psicologia. Colíder do Grupo de Pesquisa Psicologia, Processos Educativos e Inclusão da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Pesquisadora no Grupo de Pesquisa NEPEM/UNIFIMES/CNPq. Professora colaboradora no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente trabalha com as seguintes temáticas: Literatura. Linguagem. Educação e Diversidade e Educação Especial com foco nos surdos.

SANDRA CÉLIA COELHO GOMES DA SILVA – Pós-doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutora em Ciências da Religião (PUC-GO), Mestra em Ciências da Religião (PUC-GO). Pós-graduação Lato Sensu em Sociologia (UFMG); História Econômica; Terapia Transpessoal e Práticas Integrativas do Cuidado à Saúde (PICS). Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Formação Profissional em :Terapia Holística e Transpessoal, Programação Neurolinguística (PNL), Hipnoterapia, Constelação Familiar. Membro da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM) e da Sociedade de Teólogos e Cientista da Religião (SOTER). Atualmente é Professora Permanente (Linha I - Novos Contextos de Aprendizagem) e Coordenadora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES - UNEB -DEDC - Campus XI - Serrinha); Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia. UNEB-DEDC - Campus XII - Guanambi. Tem experiência na área de Ciências Humanas e Sociais, com ênfase em Sociologia, Antropologia, Antropologia e Saúde; Ciências Sociais Aplicada à Saúde; Metodologia da Pesquisa; Gênero; Espiritualidade; Religião e Internacionalização. Autora do Método VIVA na V/IDA - Terapia para Todas as Mulheres. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS). Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental, Interinstitucional e Internacional em Culturas e Religiões (CEPICR/UNEB).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Automotivador 1, 7

Autossugestão 1, 6, 8

C

Carnaval 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65

Ciberteologia 9, 13, 14, 19

Comunicação e Literatura 20

Cristologia 29, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 45

E

Eclesialidade 9

Encarnação 23, 24, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

Escola de samba 46, 47, 48, 50, 53

F

Festa da carne 46, 47, 49, 54, 56

J

Jaculatória 1

Jesus 5, 7, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 53, 54, 55, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74

M

Mística 1, 2, 3, 6, 8, 70, 73

Mulheres 1, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 57, 58, 59, 60, 76

N

Narrativas 2, 20, 26, 29, 56, 61, 64, 68, 73

P

Pandemia 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18

Paradoxo 20, 21, 22, 23

Pecado 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 61, 62, 64, 73

Personagem 20, 21, 22, 28, 29, 30, 31, 51, 55, 57

Preexistência 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

R


Renovação 9, 18

S


Sagrada Escritura 3, 12, 33, 34

Substituição simbólica 1, 6, 7

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

www.atenaeditora.com.br 


contato@atenaeditora.com.br 


[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 